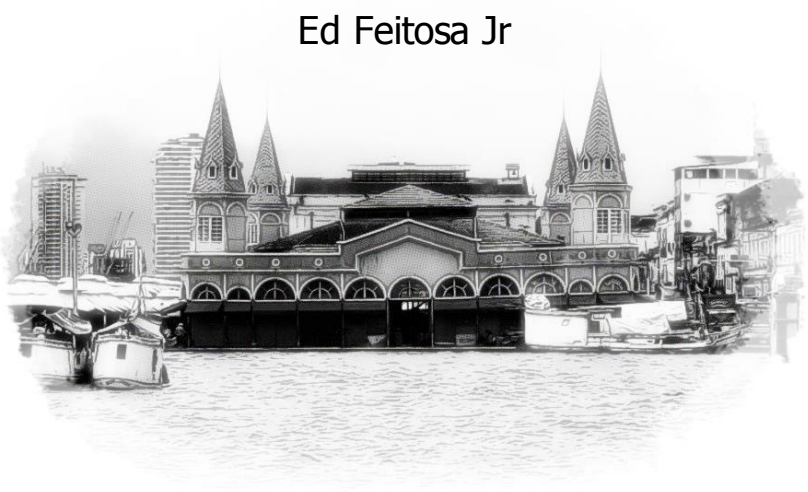
VER-O-PESO

Uma Vida, Várias Vidas.

Ed Feitosa Jr



1ª Edição

2015

Texto de acordo com a nova ortografia.

Capa e Ilustrações: E.A.F.J.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR.

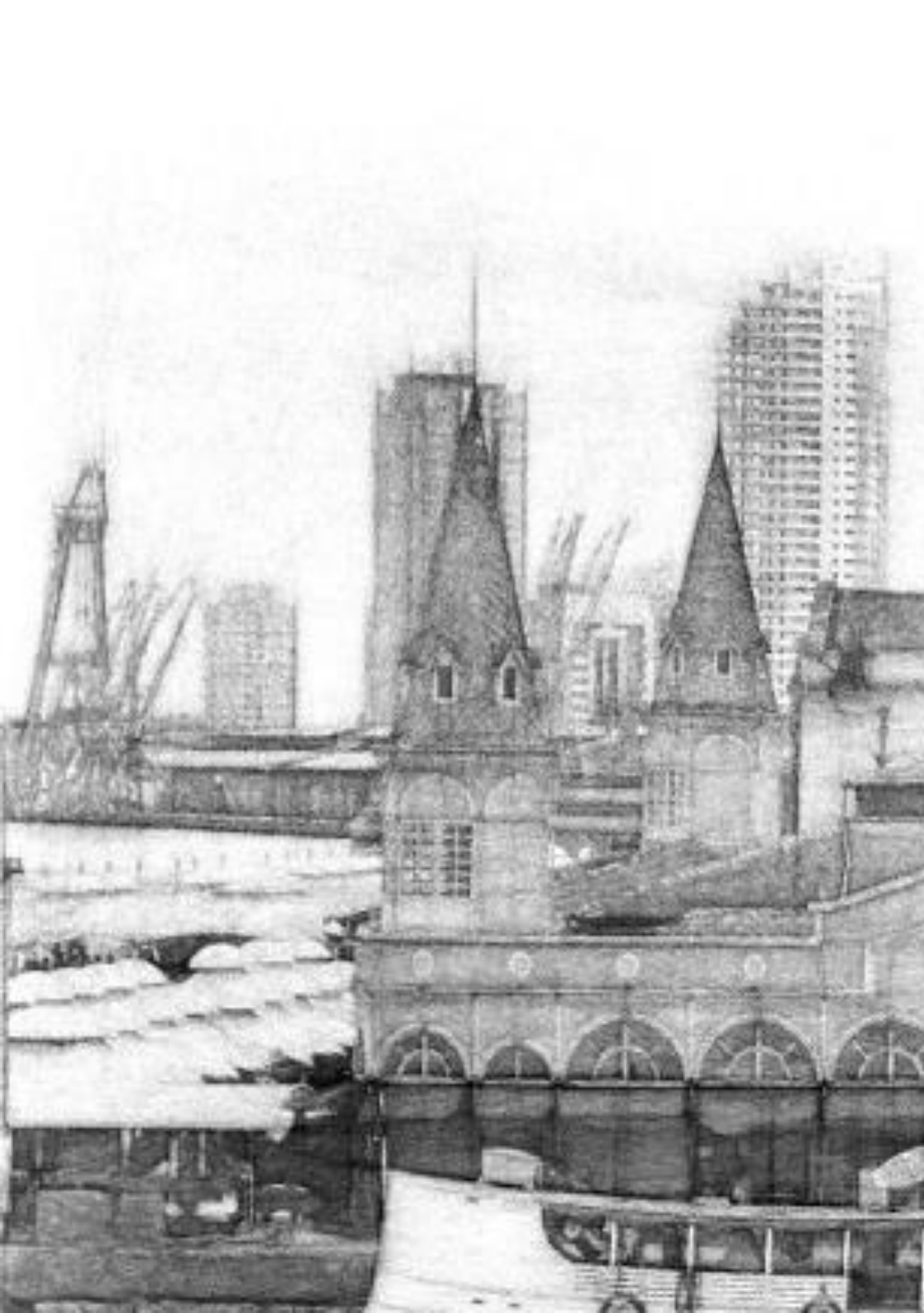
É proibida a reprodução, salvo pequenos trechos, sempre mencionando a fonte e com prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança real é mera coincidência.

J89v Jr, Ed Feitosa, 1977 –
Ver-o-Peso: Uma Vida, Várias Vidas / Ed Feitosa Jr – 1. Ed. – São Paulo – SP: AGBOOK, 2015.
196f. (A5)

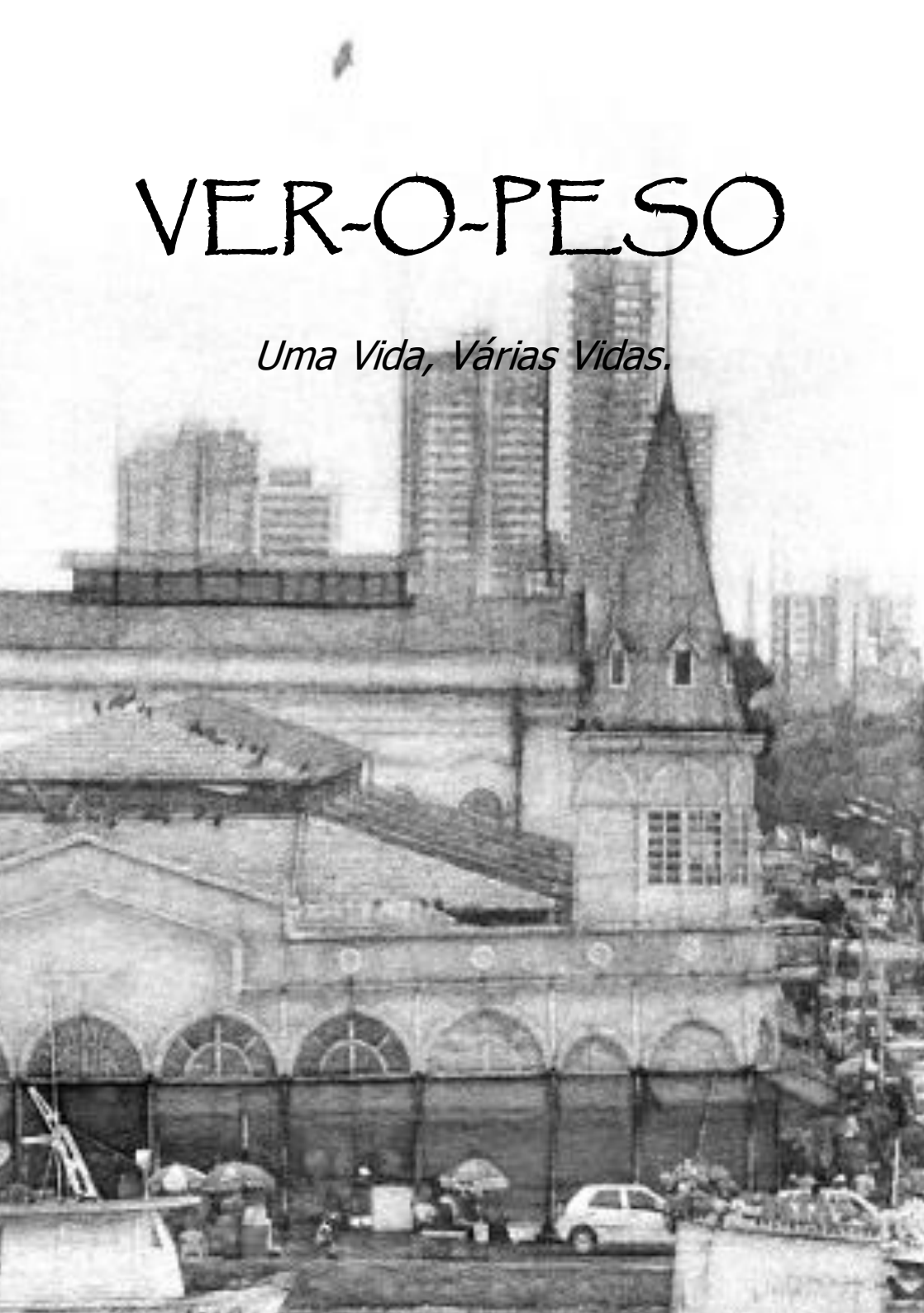
1. Crônica brasileira. I. Título.

CDD: B869.93
CDU: 869.(81)-94



VER-O-PESO

Uma Vida, Várias Vidas.



APRESENTAÇÃO

Quantos são os momentos em que a vida nos proporciona cenas teatrais em nosso dia-a-dia? E na maioria das vezes deixamos escapar dos nossos olhos, pequenos detalhes do viver por simples displicência, desinteresse ou mesmo pela pressa que o mundo contemporâneo nos impõe.

O homem moderno se preocupa com coisas banais de um mundo fútil, esquecendo-se ou deixando de contemplar o que há de mais belo no universo: o viver.

Procuramos através desta obra, capturar cenas de um cotidiano qualquer, inserindo pitadas de ficção. Retratamos atitudes e pessoas que passariam despercebidas ao captar de um olhar distraído.

VER-O-PESO – *Uma vida, várias vidas* traz a junção de contos e crônicas, entrelaçados com os ricos cenários da *Grande Belém*, unindo ficção à sua realidade local.

Nestas poucas páginas somos convidados a presenciar como verdadeiros espectadores, o caminhar da vida diária e da agradável cultura dos ambientes da *Cidade das Mangueiras, o "Portal da Amazônia"*.

O Autor

SUMÁRIO

A ÚLTIMA FOTO **13**

O MISSIONÁRIO **21**

AOS OLHOS DE DEUS **27**

ESMOLA ERRADA **35**

ÀS MARGENS DO GUAJARÁ **41**

AS GARRAFADAS **47**

UMA CORRIDA DE TAXI **53**

PEDIDO DE AUMENTO **59**

CARREIRA POLÍTICA **65**

PÉS DESCALÇOS **73**

O HOMEM QUE PENSAVA SER UM SÁBIO **79**

O GLAMOUR DA SOLIDÃO **85**

TAPIOQUEIRO **89**

CONFLITO DE GERAÇÕES **97**

NOITES CLARAS **103**

TRISTE PUERPÉRIO 109

COCO GELADO 113

O ESPETÁCULO É A VIDA 119

MARKETING PARA OS MEUS OLHOS 125

RIVALIDADE EM QUESTÃO 129

O MORADOR DAS PRAÇAS 133

BOMBONS DE CUPUAÇU 137

UMA CANETA PARA UM POETA 145

MISÉRIA SOBERANA 149

A CHANCE 153

TODA E QUALQUER INFORMAÇÃO 159

MEDO DA MATINTA 165

O HOMEM DA CASA 171

BELA AMIZADE 177

OS ÚLTIMOS TROCADOS 183

O ÚLTIMO GOLINHO 189



Aos olhos sensatos que enxergam esperança e crescimento dentre a escuridão da ignorância de um mundo alienado. Dedico esta obra a você, leitor! Que ainda cultiva a nobre arte da leitura.

Ed Feitosa Jr

A ÚLTIMA FOTO

Voltava para casa inteiramente distraído após fotografar os canhões do velho *Forte do Castelo*. Seria para uma matéria do jornal de domingo. Algo realmente desinteressante e sem impacto nenhum na vida das pessoas. Mas, uma rara chance de alavancar minha anódina carreira, visto que o colunista era uma pessoa bastante influente na região.

Já era de tardezinha e a praça estava quase deserta – o que seria impossível no período comercial do dia, no qual um formigueiro de gente caminha pelas vielas estreitas daquela localidade.

O único som – além dos ruídos dos solados de meus sapatos – que rompia o silêncio local, era o das mangas despencando ao chão numa celeridade estúpida.

Pela primeira vez me encontrava empolgado com alguma coisa relativa à minha profissão. O fato de realçar meu talento – ainda não reconhecido – em algo realmente visto por alguém e

talvez reconhecido, superava os desgastes sofridos durante minha curta carreira.

Vivia de um lado a outro da cidade, percorrendo festas, casamentos, formaturas e alguns eventos – com um único intuito: ganhar a vida.

Cobrava uma bagatela pelos serviços prestados e ainda tinha que ouvir o *choro* dos mais muquiranas.

O trabalho de fotografo não me trazia bons lucros, e qualquer *bico* que aparecia não me deixava nenhuma alternativa. Aceitava de cara.

Até que naquele dia me arranjaram uma coisa prazerosa pra fazer – sempre adorei tirar fotos de objetos antigos e coisas do gênero. Durante os anos da minha carreira acumulei algumas fotos de objetos da cultura *vintage*.

Estava sem carro naquela ocasião. A gasolina como sempre, havia sofrido um considerável aumento em seu preço e minha prioridade naquele período era a alimentação. Aliás, a alimentação sempre fora minha prioridade em tempos de aperto como aquele.

Aceitando a ideia de que existia uma longa distância que eu teria que percorrer de onde eu estava até a minha casa, resolvi apanhar uma lotação. Atitude que ficaria bem mais em

conta do que colocar o motor do meu velho *Passat* em funcionamento. Da última vez que tive tal ideia, levei infinitos meses pagando uma dívida monstruosa em uma oficina próxima do meu bairro.

Atravessei toda a extensão da praça em busca de uma parada de ônibus, e ao notar uma placa de indicação estacionei meu corpo cansado por lá.

Não havia ninguém para me fazer companhia. Apenas alguns pombos que ali estavam comendo as migalhas do chão. Resultado da andança de pessoas horas atrás.

No poste de iluminação, um pequeno brilho de luz – quase inexistente – que vez ou outra insistia em se apagar, voltando a ascender imediatamente. A noite se aproximava em ritmo apressado juntamente com a escuridão.

Alguns ônibus – raros – passavam pela rua em alta velocidade, lançando de seus faróis raios de uma luz agressiva aos olhos de qualquer um.

A poucos metros dali notei a movimentação de uma mulher que abaixava as portas de um armarinho do outro lado da rua. Era a última loja que se encontrava aberta, e que agora estava se fechando. Naquele instante já era noite.

Trajava um vestido estampado, repleto de flores e babados. Também trazia em seu corpo vários penduricalhos – sempre fui muito observador aos pequenos detalhes.

Em uma das mãos segurava uma fina pasta em meio a alguns papéis, e na outra trazia um enorme cadeado. Pendurada preguiçosamente em seu ombro estava uma bolsa de um marrom fosco, aparentemente aveludada com detalhes cromados.

Ela se mantinha serena, provando já estar acostumada àquela rotina. Não demonstrara nenhuma preocupação, e com um movimento seguro passou o assombroso cadeado na tranca daquela pesada porta de metal.

Ao se virar, arrumou os cabelos e começou a andar em minha direção, num caminhar lento e já preocupado – certamente estava vindo para a parada de ônibus, onde provavelmente apanharia também alguma condução.

Enquanto caminhava, olhou fixamente para a minha pessoa, parecendo incomodada com minha presença. Porém, continuou os passos apressadamente. Olhou para os lados algumas vezes e continuou.

Seus passos foram surpreendidos por duas figuras esdrúxulas, que surgiram inesperadamente de uma viela estreita

que ficava ali perto – cenário característico do comércio antigo da cidade.

Meus sentidos acusaram que ali se iniciava um assalto. Porém, permaneci inerte e pálido.

Os bandidos logo anunciaram o roubo e mostraram em suas mãos pedaços de lâminas velhas, um arsenal despreparado, mas eficaz diante daquela frágil mulher.

Um deles se lançou vorazmente em direção à vítima, com o intuito de tomar sua bolsa. Segurou-a firmemente, mas nada adiantou. Então, com um golpe grosseiro e covarde, o marginal lhe arrancou o objeto, atirando a indefesa senhora à áspera pavimentação antiga, que apanhou seu frágil corpo involuntariamente.

– Socorro! Socorro! – começou a gritar desesperadamente a pobre mulher.

Olhei em todos os ângulos e não avistei nenhum policial – nessas ocasiões eles nunca estão por perto. – Minhas pernas tremeram e um frio me balançou a espinha.

Por um segundo pensei que eu poderia ser a próxima vítima daqueles marginais. Por isso me mantive completamente quieto, quase sem respirar, na esperança de não ser notado. Em

seguida virei o rosto em outra direção, apesar dos olhos insistirem em assistir à cena.

Por Deus! Encontrei-me paralisado tanto quanto a própria vítima. Um sentimento covarde e medíocre dominou meu mundo naquela hora.

Estendida no chão ela iniciou um choro compulsivo que comoveria a qualquer um que por ali passasse. É claro que os dois marginais não afrouxaram. E após tomarem também a pasta de suas mãos, empenharam-se numa fuga rumo à escuridão.

A mulher me olhou como se suplicasse por algo, mas não consegui decifrar o que era – não se tratava só de ajuda ou coisa assim –. Simulei não perceber a situação.

Os minutos se passaram e não mais avistei os dois meliantes. Para minha sorte!

Alarmado e estático, não me movi sequer para ajudá-la a se recompor ou mesmo se levantar. Instintivamente fingi estar invisível e continuei no mesmo lugar, perdendo até mesmo a condução que outrora eu esperava ansiosamente e que surgira repentinamente.

Num ato impulsivo, apanhei minha câmera fotográfica, mirei no rosto daquela mulher – como se empunhasse uma arma de verdade – e disparei a última foto do filme que ali restava.

Não sei explicar o verdadeiro motivo deu ter feito aquilo. Existem coisas que só compreendemos um tempo depois. Mas na verdade talvez minha atitude fosse para me recordar do dia em que uma pobre mulher havia sido surpreendida por dois marginais... E eu, por *minha enorme covardia*.